

ESTIGMATIZAÇÃO:

CARREGAR AS FERIDAS DE JESUS CRISTO



TEMA 3

**Celebrar o dom dos Estigmas
1224-2024**

1Cel 94-95
LM 13,1-10
LD
BnL
2Cel 49

Textos

As fontes hagiográficas dizem-nos que São Francisco de Assis, após um período intenso de atividade apostólica, retirou-se para o Alverne para realizar uma quaresma de jejum e oração, como era seu costume. É, precisamente, neste contexto de silêncio e oração que o *Poverello* recebe a visita do Serafim alado, uma vez que só o silêncio permite ouvir e acolher Aquele que fala. No Alverne, o profundo desejo que animava o *Poverello* para seguir Cristo e conformar-se totalmente a Ele é realizado no encontro com o Crucificado, que imprime no seu coração e corpo os sinais do amor. São Boaventura resume assim a experiência de São Francisco: “O amor autêntico a Cristo transformou o amante na própria imagem do Amado” (LM 13, 5). O encontro com o Amado torna-se um cântico de louvor; por isso, São Francisco, após o encontro com o Crucificado, compõe os *Louvores ao Deus Altíssimo*, uma oração que flui de um coração apaixonado, totalmente centrado no Tu divino: “Tu és santo, Senhor Deus único, o que fazes maravilhas. Tu és forte, Tu és grande, Tu és altíssimo...” (LD1-2).

Celebrar como Família Franciscana o centenário da impressão dos estigmas é um convite para recuperar na nossa vida quotidiana aquela dimensão do silêncio orante e contemplativo que nos coloca diante do essencial, que nos permite reconhecer o desejo pelo infinito que reside nos nossos corações, que nos permite escutar a nós mesmos, aos outros e a Deus. Na verdade, ainda hoje o *Poverello* é apresentado como uma pessoa que fez da escuta um modo de vida: “São Francisco de Assis escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso num estilo de vida. Desejo que a semente de São Francisco cresça em tantos corações” (*Fratelli Tutti* 48).

Depois de receber os sagrados estigmas, “São Francisco desceu do monte, trazendo consigo a imagem do Crucificado, não esculpida em blocos de pedra ou de madeira por qualquer mão habilidosa, mas reproduzida na própria carne pelo dedo do Deus vivo” (LM 13, 5). E, assim como foi tocado pelo dedo de Deus, agora ele próprio vai ao encontro dos pobres, dos doentes e dos necessitados para tocá-los, para lhes transmitir o amor divino. O encontro com o Crucificado leva São Francisco ao encontro com os crucificados da história, cuja dor deseja aliviar, como no episódio do homem atormentado pelo frio, narrado por São Boaventura: “Inflamado pelo fogo do amor divino, São Francisco só lhe estendeu a mão e lhe tocou-lhe. Espantoso! Ao contato dessa mão sagrada, que trazia o incêndio das brasas do Serafim, o homem deixou de sentir frio e teve a sensação de se encontrar numa corrente de ar quente, como a sair da porta de um for-

no” (LM 13, 7). Recordar e celebrar São Francisco tocado pelo Crucificado, exorta-nos a sair de nós mesmos para “tocar a carne sofredora de Cristo nos outros” (*Gaudete et Exsultate* 37) e, ao mesmo tempo, a deixar-nos ser tocados e desafiados por muitas situações dramáticas de dor e sofrimento em que se encontram imersos tantos dos nossos irmãos e irmãs de todo o mundo.

“*Carrego no meu corpo os estigmas de Jesus*” (Gl 6,17).

Objetivo

Renovar o modo como vivemos a nossa comum vocação cristã, para chegar a uma autêntica configuração com o Cristo pobre e crucificado, de modo a trazer os estigmas da sua presença em nós.

Ações

- ✓ Revitalizar os espaços de encontro com o Senhor, que já estão presentes na nossa vida pessoal.
- ✓ Recuperar o valor do silêncio como condição fundamental para poder escutar Deus, a nós mesmos e aos outros.
- ✓ Utilizar os caminhos ascéticos que a Igreja e a nossa tradição franciscana nos oferecem, para que os nossos desejos, purificados de qualquer forma de egoísmo, estejam centrados apenas em Deus.

“*Recebestes de graça, dai de graça*” (Mt 10,8).

Objetivo

Aprofundar a cultura da gratuidade e do dom, para que caracterizasse significativamente a nossa vida em conjunto.

Ações

- ✓ Fomentar, nas nossas famílias e fraternidades, uma atitude de verdadeiro diálogo, que permita a escuta, a compreensão, o conhecimento e o acolhimento recíproco.
- ✓ Encorajar gestos concretos de serviço altruísta, que expressem e concretizem o dom de nós mesmos.
- ✓ Vigiar as nossas palavras e os nossos julgamentos, para que “toquem” os outros sempre com misericórdia e compaixão.



O nosso
ser em
Cristo

O nosso
ser irmãos
e irmãs

O nosso
ser em
comunhão

“Fomos curados pelas suas chagas” (Is 53, 5).

Objetivo

Viver a nossa pertença eclesial testemunhando o amor misericordioso que flui do Crucificado.

Ações

- ✓ Incentivar a criação de espaços para escutar e acolher os jovens, os descartados, os excluídos e as minorias.
- ✓ Colaborar para que as nossas Igrejas locais possam tornar-se “igrejas em saída”, chegando ao encontro de todos aqueles que se distanciaram da fé, dos mais pequenos e dos necessitados.
- ✓ Apoiar iniciativas de natureza ecumênica e inter-religiosa, procurando contribuir para a “cura” das feridas que impedem a comunhão.

O nosso
ser no
mundo

“O mesmo Senhor me conduziu ao meio dos leprosos, e com eles usei de misericórdia” (Test 2).

Objetivo

Deixar sermos tocados e interpelados pelas muitas situações de dor e sofrimento que encontramos nos ambientes em que vivemos e trabalhamos.

Ações

- ✓ Exercitarmo-nos na arte de contemplar Cristo nos sofrimentos e nas dificuldades das pessoas que conhecemos diariamente.
- ✓ Servir com dedicação e ternura as feridas do corpo e do espírito de todos aqueles que, à nossa volta e nas nossas fraternidades, estão aflitos e sem esperança.
- ✓ Promover o encontro com aqueles que não acreditam em Deus ou não professam qualquer religião, favorecendo iniciativas comuns destinadas a ajudar os pobres e necessitados.

